

TRANSIÇÃO DE CARREIRA

Setor público ou CLT?

Para especialistas, a decisão de profissionais qualificados trocarem o setor privado pela administração pública vai além da estabilidade: é a escolha entre dois projetos de vida distintos

» GABRIELA SANTOS*

No Distrito Federal, o movimento de transição de carreira para o serviço público se manifesta de forma acentuada. A concentração de órgãos federais e distritais cria “um ecossistema único”, diz o professor João Leles, do curso preparatório para concursos IMP. Remunerações iniciais acima da média do mercado local, planos de carreira estruturados e jornadas de trabalho bem delimitadas são atrativos para quem busca um concurso. Para ele, a estabilidade jurídica, torna a administração pública mais competitiva em comparação a outras atividades.

É o caso de Milena Alves, recém-aprovada no concurso do Corpo de Bombeiros Militar do Rio Grande do Sul. Formada em letras pela Universidade de Brasília (UnB), ela trabalhou por sete anos no regime celetista em uma escola particular de Brasília antes de encontrar, no concurso público, o estilo de vida que buscava. “Eu sempre admirei o altruísmo de um trabalho de socorro imediato. Eu gostava de trabalhar com a educação, mas aqui estou realizada”, diz Milena. O regime celetista, no qual ela atuava, reúne 48,8 milhões de trabalhadores no país em 2026, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Insegurança no setor privado

Essa instabilidade tem raízes estruturais, segundo a especialista em gestão de pessoas Tainá Freitas: “No setor privado, a trajetória não depende apenas do desempenho individual: mudanças de liderança, estratégia e orçamento também podem alterar rapidamente a perspectiva de carreira”, mostra. A tendência, segundo ela, é reforçada por transformações tecnológicas: dados do Fórum Econômico Mundial apontam que

Arquivo pessoal



Milena Alves, formada em letras, fez este ano transição de carreira e trabalha como bombeira militar

cerca de 39% das competências essenciais para o trabalho devem mudar até 2030, exigindo atualização constante dos profissionais.

O público desses cursos preparatórios é majoritariamente composto por profissionais com carreira em andamento, entre 25 e 40 anos, mas insatisfeitos com a instabilidade e a sobrecarga da iniciativa privada, relata Leles.

O perfil de quem muda a rota

Diante desse cenário, e em busca de um clima organizacional diferente, Camila Rodrigues decidiu migrar de carreira. Formada em ciências contábeis, ela atuou por três anos em um escritório de contabilidade no setor fiscal antes de tomar posse, em 2024, como analista de políticas públicas e gestão governamental na Secretaria de Estado de Obras e Infraestrutura do Distrito Federal (SODF).

Na nova rotina, ela aproveita as habilidades do ambiente corporativo. “Acredito que a proatividade, o trabalho em equipe e o compartilhamento do conhecimento adquirido são meus aliados”, diz. Como celetista, ela também desenvolveu facilidade com planilhas e sistemas de gestão utilizados no setor público.

Para o mentor executivo Raphael Albergarias, presidente da International Project Management Association Brasil (IPMA Brasil), o movimento reflete uma mudança na forma como profissionais pensam sobre a própria trajetória. Em suas mentorias, ele percebe que gestores nem sempre estão insatisfeitos com o trabalho atual, mas estão reavaliando o que querem para o futuro. “Minha recomendação é tratar a própria carreira como um projeto: definir objetivo, horizonte, riscos, renúncias e critérios de sucesso antes de decidir. Não escolha uma carreira apenas pelo que ela oferece hoje. Escolha pelo profissional e